



“É uma pena que você não entenda inglês”: amazonialismo e colonialismo digital em narrativas de fãs

“Too bad you don’t understand english”: amazonialism and digital colonialism in fanfictions

Ingrid Lara de Araújo Utzig^(a)

^a Universidade do Estado do Amapá (UEAP) – lara.utzig.lu@gmail.com

Resumo: A Amazônia vem sendo representada de maneira estereotipada, tanto como Eldorado quanto como Inferno Verde. A este processo de construção de um imaginário eurocêntrico acerca da região, o pesquisador Gerson Albuquerque Rodrigues (2017) denomina “Amazonialismo”. Esta pesquisa problematiza como tal fenômeno se manifesta no projeto colonial moderno manifesto através da digitalidade, questionando a possível contribuição das narrativas de fãs para a manutenção da violência simbólica no que diz respeito aos discursos que circulam sobre o Norte do Brasil. Nesse panorama, o objetivo deste estudo foi analisar a representação da Amazônia em fanfictions. Para estabelecer tal debate, o referencial teórico mobilizado pautou-se nas reflexões provocadas por Bhabha (2013), Hall (2016), Gondim (1994), Santos (2019), Spivak (2010), Paes Loureiro (1995), entre outros autores. Os resultados apontam que, nas fanfictions, a Amazônia é tratada como um espaço selvagem, habitado por povos “primitivos”. Em primeiro lugar, observou-se uma romantização da região, como um paraíso intocado pela civilização. Essa idealização ignora a presença e os direitos das comunidades indígenas e tradicionais que há séculos habitam a região. Além disso, as fanfictions tendem a tratar os habitantes da Amazônia reproduzindo imagens exóticas e hipersexualizadas. Outro aspecto identificado é o lugar da Amazônia como ambientação para Universos Alternativos (UA), locus de aventura e exploração para protagonistas de países anglófonos hegemônicos, preferencialmente estadunidenses, reforçando a noção de superioridade e domínio sobre o território e seus recursos naturais. Essas narrativas têm o potencial de influenciar a percepção das comunidades de fãs de maneira insidiosa.

Palavras-chave: Amazônia. Fanfiction. Amazonialismo. Fandom. Colonialismo digital.

Abstract: The Amazon has historically been represented stereotypically, both as an Eldorado and as a Green Hell. Researcher Gerson Albuquerque Rodrigues (2017) calls this process of constructing a Eurocentric imaginary about the region “Amazonialism.” This study problematizes how such a phenomenon manifests within the modern colonial project through digitality, questioning the potential contribution of fan narratives to the maintenance of symbolic violence in the discourses circulating about Northern Brazil. Within this context, this study aims to analyze

the representation of the Amazon in fanfictions. The theoretical framework draws on the reflections of Bhabha (2013), Hall (2016), Gondim (1994), Santos (2019), Spivak (2010), Paes Loureiro (1995), among others. The results indicate that, in fanfictions, the Amazon is portrayed as a wild space inhabited by “primitive” peoples. Firstly, a romanticization of the region is observed, depicting it as a paradise untouched by civilization. This idealization ignores the presence and rights of Indigenous and traditional communities that have inhabited the region for centuries. Furthermore, fanfictions tend to portray Amazonian inhabitants through exoticized and hypersexualized imagery. Another aspect identified is the positioning of the Amazon as a setting for Alternate Universes (AU), a locus of adventure and exploration for protagonists from hegemonic Anglophone countries—preferably the United States—reinforcing notions of superiority and dominance over the territory and its natural resources. These narratives have the potential to influence fan communities’ perceptions in insidious ways.

Keywords: Amazon region. Fanfiction. Amazonialism. Fandom. Digital Colonialism.

Introdução

A Amazônia foi construída no plano simbólico e histórico entre o Eldorado e o Inferno Verde, imagens que orientaram tanto relatos de viagem quanto obras literárias. Esses dois projetos discursivos — oscilantes entre o fascínio e o medo — foram reiterados por viajantes, naturalistas, missionários e escritores, e permanecem como marcas profundas na maneira como o Norte global enxerga a região. Segundo Penalva (2018, p. 17),

A tradição de discursos e escritas sobre a Amazônia aponta [...] dois projetos literários predominantes: ora [...] espaço inóspito e quase desabitado, ora como Eldorado, espaço de riquezas imensuráveis e que há muito tempo tem despertado a ganância e a imaginação dos europeus. [...] Essa homogeneização de olhares e repetição de imagens [...] sobre esse espaço demonstram o quanto mitos e preconceitos ditam as representações sobre a terra e os povos amazônidas, desde o século XIX até os dias de hoje.

Neide Gondim, em *Invenção da Amazônia* (1994), disserta que o paradoxo abundância/ameaça foi motor de um olhar externo que mitificou o território. As narrativas durante as grandes navegações foram contaminadas pelas lendas orientais, repletas de relatos maravilhosos, povos estranhos e terras fantásticas. Dialogando com a visão desse Outro,

de *Robinson Crusoé* (1719) às *Viagens de Gulliver* (1726), o olhar eurocêntrico molda espaços e corpos. Mello (2020) aponta que o “bom selvagem” de Rousseau encontrou na Amazônia terreno fértil para se fixar, funcionando como contraponto moral à modernidade ocidental, sempre à custa de encaixar os sujeitos nativos em um lugar paralizante:

Euclides da Cunha [...] afirma: É uma terra que ainda se está preparando para o homem – para o homem que a invadiu fora de tempo, impertinentemente, em plena arrumação de um cenário maravilhoso. Percebe-se, assim, a presença de uma natureza hostil, inimiga do homem, na qual só consegue sobreviver o homem forte da Amazônia, o mestiço que reproduz o sertanejo de Canudos e que, ainda por cima, realiza a tão sonhada mistura de raças, preconizada por inúmeros cientistas especialistas em questões étnicas. As teorias do *bon sauvage* são fartamente adaptadas a essa nova realidade. A natureza da Amazônia é inimiga do indivíduo (MELLO, 2020).

Essa concepção, ainda que pareça elogiosa, se perfaz em dispositivo de controle. Inglês de Sousa, José Veríssimo, Dalcídio Jurandir, Milton Hatoum, entre tantos outros autores, dialogaram de modos distintos com esse repertório, ora incorporando elementos exotizantes, ora tensionando-os em busca de romper paradigmas superficiais que insistem em alimentar a antítese de encanto *versus* perigo que cristalizaram o que se disse e se diz sobre a Amazônia:

à experiência radical do sublime romântico nesse conto soberbo de Edgar A. Poe que é “A descent into the Maelström” (1841), passando-se pelo metafórico La jangada: 800 lieues sur l’Amazone (1881), de Jules Verne, que por sinal cita e homenageia Poe em diversas passagens, e culminando-se nesse outro compósito de mitos populares, fantásticos e científico-ficcionais sobre a Amazônia naquela virada de século que é o romance *The lost world* (1912), de A. Conan Doyle? [...] Todos esses links de homologias nos parecem cabíveis. Arriscaríamos ir um pouco além: difícil mesmo, para o crítico contemporâneo, seria não enxergar as similitudes dessa linhagem fantasista, folclorista, com laivos de crônica ficcionalizada e de lirismo fantástico, em obras-primas do modernismo paulista, como Macunaíma (1928), de Mário de Andrade, e Cobra Norato (1931), de Raul Bopp,

tentativas em boa parte bem sucedidas de domesticar algumas imagens do primitivismo, seja pelo humor satírico, seja pelo apelo ao lúdico e a certo imaginário “infantil-indigenista” (HARDMAN, 2007, p. 148).

A Amazônia, portanto, é uma construção discursiva constituída a partir de um imaginário. Nesse sentido, a região está eivada de lugares-comuns, relatos e ficções, que validam seu *topos* como espaço de “geografias selvagens, natureza bruta, populações errantes e dispersas” (HARDMAN, 1992, p. 297).

Essa tradição atravessa séculos e se atualiza nos novos meios (MANOVICH, 2005). A circulação dessas representações também passa a se estender às práticas das comunidades de fãs, os *fandoms*. *Fanfictions*, como narrativas massivas produzidas em ritmo acelerado e constante em plataformas de autopublicação, são recriações que circulam para milhares de fãs em determinadas comunidades virtuais. Escritas, em sua maioria, por jovens, por exemplo, e fãs de produtos da indústria cultural, como filmes de heróis, séries, HQ, bandas oriundas de *reality shows* ou coreanas, entre outros, são reflexo do pensamento e da cultura que circula entre adolescentes e adultos do mundo todo que dividem o mesmo interesse pelo que se convencionou chamar de “cultura pop”. Ao mesmo tempo em que oferecem oportunidades de expressão criativa e participativa em resposta crítica à indústria cultural, essas narrativas podem também reproduzir e consolidar o projeto colonial por meio da viralização de imagens que reforcem hegemonias.

Nesse cenário hiperconectado, a Amazônia aparece como espaço em diversas *fanfictions*. A questão que orienta esta pesquisa é se as narrativas de fãs a respeito da Amazônia contribuem para a manutenção do amazonialismo (ALBUQUERQUE, 2017) em contexto digital. O presente artigo tem como objetivos: analisar a representação da Amazônia em

fanfictions, explorando estereótipos; investigar como a supracitada região é retratada nas narrativas, identificando padrões, personagens e imagens recorrentes, buscando compreender se as *fanfictions* que tematizam a Amazônia funcionam como espaços de dissidência e reescrita ou, ao contrário, como instâncias de atualização do colonialismo, perpetuando o amazonialismo sob “novas” roupagens.

A floresta entre vampiros e ídolos: recortes da Amazônia em narrativas de fãs¹

As *fanfictions* presentes nesta análise foram publicadas no Wattpad. De acordo com a ONG *Internet Matters*, “mais de 90 milhões de pessoas usam a plataforma para ler e escrever, gastando mais de 23 bilhões de minutos por mês [...]. 90% deles são usuários com idades entre 13 e 40 anos e muitos dos escritores são adolescentes ou jovens adultos” (2022). Por meio de *distant* e *close reading*, foram selecionadas três histórias como corpus: *Meu Namorado é um Índio* (2016); *The Amazonian Girl* (2017-2021); e *Jasper and the Amazonian Hybrid* (2021-2023).

Na barra de pesquisa da referida plataforma, os seguintes filtros de busca foram aplicados:

- Palavras-chave: Amazônia; Amazônico(a); Amazonian; Amazon.
- Apenas histórias finalizadas;
- Descarte de *crossovers*²;
- Primeiros resultados mais lidos.

¹ Esta pesquisa contou com o apoio de ferramentas de IA para auxiliar na organização estrutural, revisão e tradução de trechos selecionados, operando como instrumento de apoio técnico para atividades de natureza editorial e linguística.

² Expressão em língua inglesa que se refere ao entrecruzamento de personagens de universos ficcionais diferentes, juntos no contexto de uma mesma narrativa. Eles podem ser oficiais (acordos legais entre franquias, propriedade corporativa em comum) e não- oficiais (produzidos pelos *fandoms*).

Um aspecto interessante emergiu ainda no momento do levantamento: ao digitar o termo *Amazon* na barra de pesquisa, a plataforma destacou narrativas relacionadas à personagem Mulher Maravilha. Esse resultado é deveras revelador: o algoritmo do Wattpad reproduz a centralidade do imaginário globalizado, invisibilizando, a priori, produções que remetam à região amazônica. Tal resultado já entrega, como uma prévia, o modo como as infraestruturas digitais reforçam a colonialidade e priorizam signos hegemônicos — neste caso, a super-heroína da DC Comics vem até mesmo antes das narrativas que se referem estritamente ao mito das Amazonas. O paradigma dos mecanismos de filtragem, indexação e ranqueamento do Wattpad também configura quais narrativas ganham visibilidade e quais permanecem em segundo plano.

“A comida era típica de ‘índio’, uma delícia!”: estereótipos coloniais

Desde o título das *fanfics* supramencionadas, chama a atenção a utilização das expressões “índio” e “amazônica”. Essas duas imagens se entrecruzam por meio da visão eurocêntrica do narrador heterodiegético e no contraste binarista entre branco x não-branco, como reflete Stuart Hall:

A estereotipagem, em outras palavras, é parte da manutenção da ordem social e simbólica. Ela estabelece uma fronteira simbólica entre o “normal” e o “pervertido”, o “normal” e o “patológico”, o “aceitável” e o “inaceitável”, o “pertencente” e o não “pertencente” e o que não pertence ou é o “Outro”, entre “pessoas de dentro” (insiders) e “forasteiros” (outsiders), entre nós e eles (2016, p. 192).

O(a) indígena/amazônida é intruso(a) em seu próprio lar, como no caso de *Meu Namorado é um Índio* e *The Amazonian Girl*, cuja trama foca no rapto de uma “nativa”, irmã gêmea perdida da cantora Lauren Jauregui, do grupo Fifth Harmony (5H), que é mantida refém e levada aos EUA.

As personagens são mobilizadas de maneira a naturalizar posições hierárquicas – o sujeito branco como centro interpretativo e a figura amazônica como alteridade a ser narrada. É na capacidade de repetir-se com variações, adequando-se às conjunturas históricas e midiáticas, que reside a força do estereótipo colonial. Bhabha (2013) identifica nesse mecanismo de repetição e diferença a base de propagação: trata-se de um discurso que se estabiliza ao mesmo tempo em que se atualiza.

[...] o estereótipo colonial [...] garante sua repetibilidade em conjunturas históricas e discursivas mutantes; embasa suas estratégias de individuação e marginalização; produz aquele efeito de verdade probabilística e predictabilidade que, para o estereótipo, deve sempre estar em excesso do que pode ser provado empiricamente ou explicado logicamente (BHABHA, 2013, p. 118).

Nesse panorama, definiram-se três palavras-chave que deixam explícito o discurso colonial por meio das citações do quadro abaixo: 1) selvagem; 2) exótico; 3) animalesco.

SELVAGEM	EXÓTICO	ANIMALESKO
<p>She was wearing wilder clothing than the other three, Jasper knew this to be Kachiri, the oldest and the Coven leader. [...]</p> <p>Jasper could tell by the way she stood that she had a very wild, almost animalistic fighting style (@Kili-loverxx, 2021)</p>	<p>A dança era bem animada ,a comida era típica de índio,era uma delícia, [...] fomos para a cabana de Raone e tinha uma mesa cheia de frutas.</p> <p>-Qual sua fruta preferida?- ele pergunta sorrindo pegando um pedaço de manga e comendo .</p> <p>-Eu amo uva! (@Gatalinda456, 2016)</p>	<p>"O que está acontecendo? (What is happening?)</p> <p>After what seems a really long time the moving box stops. [...]</p> <p>"Okay, let's get you on the plane."</p> <p>[...] He walks hesitantly towards me, as if I am some sort of animal. [...]</p> <p>"Seriously Jimmy, Just bring the animal with you to the plane" (@Feathered-quill, 2017).</p>

Figura 1 – Esteriotipias em *Fanfictions*

Fonte: elaborada pela autora.

No primeiro excerto (fig. 1), Jasper – originalmente um dos personagens da saga *Crepúsculo* (2005), que no cânone se relaciona romanticamente com Alice Cullen – visita o clã das Amazonas, vampiras que residem no

Pantanal. A escolha desse cenário já evidencia um erro, afinal o Pantanal constitui um bioma distinto da Amazônia. Ainda mesmo, a narrativa trata ambos como se fossem sinônimos. Na focalização interna, Jasper observa que Kachiri se veste e luta de maneira “selvagem” (*wild, animalistic*). A palavra funciona aqui como um marcador de diferença radical, situando a personagem no polo do “Outro”, conceito que Stuart Hall (2016, p. 192) associa ao processo de estereotipagem que define fronteiras simbólicas entre o normal e o desviante, o civilizado e o primitivo.

Kachiri é apresentada como a mais velha do clã das Amazonas. A personagem é marcada por uma postura mais “primitiva” e instintiva, enquanto as mais jovens exibem comportamentos ligeiramente mais contidos ou adaptados ao universo dos demais vampiros de outros clãs. Essa distinção funciona como um marcador simbólico que cria uma escala interna de níveis de “selvageria” ou estranhamento. Tal lógica remete diretamente às estratégias coloniais de classificação dos povos indígenas, em que se distinguia entre “mais civilizados” e “mais primitivos”, muitas vezes tomando critérios arbitrários como linguagem, vestimenta ou grau de contato com o colonizador. No caso de *Crepúsculo*, essa gradação serve para dramatizar e tensionar/escalonar o contraste interno ao clã e, simultaneamente, reafirmar a distância cultural entre eles e os personagens brancos.

Esse problema no que se refere às personagens do “clã das amazonas” está presente no próprio material-fonte da saga cinematográfica *Crepúsculo*. A franquia alimenta essas estereotípias que ecoam nas fanfics escritas a partir dos livros e filmes. As Amazonas, que aparecem como aliadas dos Cullen em *Amanhecer – Parte 2* (2012), aparecem com figurinos que mesclam elementos de couro, tecidos com padrões estilizados, vestimentas e acessórios que não correspondem à nenhuma etnia em particular, mas criam uma imagem homogeneizante sem qualquer menção

ou referência concreta a povos, culturas ou territorialidades amazônicas reais.



Figura 2 - Clã das Amazonas na saga *Crepúsculo*

Fonte: blog *Twilight Forever*.

As personagens (fig. 2) ilustram, além da sexualização do corpo feminino indígena, a ideia de uma natureza intocada habitada por seres “pré-modernos”. Como observa Moura Júnior (2024), a modernidade colonial produziu “um modelo taxinômico e racismo epistêmico”. No caso de *Crepúsculo*, o “clã das amazonas” compõe uma diversidade “decorativa” típica de produções hollywoodianas.

Como destacam Albuquerque e Pacheco (2017), o amazonialismo opera justamente por meio dessa chave de narrativas que naturalizam a região como um “dado” pré-existente, esvaziando-a de historicidade e pluralidade. A presença dessas coadjuvantes evidencia como a Amazônia continua a ser representada como um significante vazio, agora veiculada por *blockbusters* e absorvida por jovens — o mesmo público que também consome e produz *fanfictions* no Wattpad.

Em um caminho semelhante, em *Meu Namorado é Um Índio*, há uma tentativa de elogiar a culinária dos povos originários (“uma delícia”), mas isso é feito por uma chave do exotismo (“a comida era típica de índio”). O enaltecimento se transforma em estigma. Por fim, a última fanfic tem como material-fonte a *girlband* 5H, e uma sócia de Lauren Jauregui é uma nativa que acaba sendo sequestrada e mantida em uma jaula porque resistiu à captura de um grupo militar que veio fazer simulações de missões na Amazônia. A trama de rapto de uma “nativa” reforça a animalização dos corpos indígenas, uma vez que a personagem é literalmente enjaulada após negar-se à captura. O gesto narrativo remete ao que Bhabha (2013) descreve como a lógica de individuação e marginalização do estereótipo: a nativa, ao se insurgir, deve ser contida como fera indomada. O que une todos os três exemplos é a permanência de um regime discursivo que mantém povos amazônicos na posição de forasteiros em seu próprio território.

"I speak the ancient language of Portuguese": xenofobia e imperialismo linguístico

O colonialismo digital nas *fanfics* é mediado por bolhas algorítmicas que reproduzem visões dominantes e certos clichês perversos que refletem o pensamento do norte sobre o sul global, conforme apontado por Boaventura de Sousa Santos:

No contemporâneo as novas formas de colonialismo são mais insidiosas porque ocorrem no âmago de relações sociais, econômicas e políticas dominadas pelas ideologias do anti-racismo, dos direitos humanos universais, da igualdade de todos perante a lei [...]. O colonialismo insidioso é gasoso e evanescente, tão invasivo quanto evasivo, em suma, *ardiloso* (SANTOS, 2019, s/n, grifo nosso).

O colonialismo digital também perpetua o domínio do Norte sobre o Sul por meio do imperialismo linguístico e da xenofobia, como observado nos capítulos nos quais as personagens que residem na Amazônia ou são forçadas a renunciar a suas línguas maternas ou quando ensinam inglês para as crianças da aldeia. Em *The Amazonian Girl*, quando a protagonista chega à casa das cantoras do 5H, conhece Marisa, uma empregada latina que sabe falar português. Marisa informa que sabe falar a língua em questão, utilizando o adjetivo *ancient*³ para denominá-lo, como apontado no título deste subtópico:

"[...] Vou te ensinar inglês."
"Por que devo aprender inglês quando outros podem aprender meu idioma? [...]"
"Eu sei que você não quer fazer isso, mas será mais fácil para todos nós, porque o inglês é o idioma mais conhecido" (FEATHERED-QUILL, 2017).

A escolha lexical classifica o português brasileiro — e, por consequência, todas as demais línguas locais — como “antigo”, em déficit, obsoleto, posicionando o inglês como língua moderna, legítima e de circulação global, enquanto relega a língua da protagonista ao paulatino desuso. Esse gesto discursivo produz uma assimetria e uma hierarquia temporal, linguística e geopolítica entre os idiomas.

Como observa Moura Júnior (2024): “a racionalidade etnocêntrica buscou e busca consolidar dualidades existenciais, como colonizadores versus colonizados, civilizados versus incivilizados, superior versus inferior”. Essa marcação funciona como uma fronteira simbólica (HALL, 2016), distinguindo os sujeitos “pertencentes” dos “forasteiros” por meio da língua, e reatualiza a colonialidade do saber (QUIJANO, 2005; MIGNOLO, 2003) na digitalidade.

³ Ancestral, antigo.

No mesmo caminho, em *Jasper and the Amazonian Hybrid* (2021–2023), a personagem Orenda, pertencente ao povo⁴ Ticuna, aparece ensinando as crianças a escrever, ler e falar inglês, naturalizando a imposição do idioma dominante (KILI-LOVERXX, 2021).

In the Pantanal Wetlands, within the Ticuna Tribe, [...] Orenda was [...] always happy and willing to help around the village. Doing the little jobs her grandmothers and mother needed help with; teaching the children to *write, read and speak English*⁵ (KILI-LOVERXX, 2021, grifos nossos).

Ngũgĩ wa Thiong’o (2010) disserta que a língua é uma das ferramentas centrais de colonização, pois molda a memória, a imaginação e a identidade de um determinado povo. Quando as narrativas de fãs retratam indígenas ensinando inglês às crianças, legitima-se a ideia de que o pertencimento só é possível por meio da submissão à língua hegemônica global.

Boaventura de Sousa Santos (2019), como citado anteriormente, descreve esse fenômeno como parte do “colonialismo insidioso”: ele se manifesta de forma gasosa, evasiva, infiltrando-se em práticas cotidianas e aparentemente neutras. No caso das *fanfictions*, a imposição do inglês não é apresentada como violência, mas como um gesto de cuidado ou de instrução, mascarando o apagamento cultural sob a capa da benevolência.

⁴ No texto original, a *ficwriter* utiliza o termo *tribe* (“tribo”). Optamos por manter “tribo” apenas nas traduções, preservando a escolha lexical da autora. No entanto, ao longo da análise e na voz dos pesquisadores, empregamos preferencialmente os termos “povo” ou “etnia”.

⁵ Tradução livre: “No Pantanal, dentro da *tribo* Ticuna, [...] Orenda estava [...] sempre feliz e disposta a ajudar na aldeia. Fazia os pequenos trabalhos de que suas avós e sua mãe precisavam; ensinava as crianças a escrever, ler e falar inglês” (KILI-LOVERXX, 2021).

Além disso, há um componente xenófobo que atravessa esses enredos. As personagens amazônicas não são apenas convidadas a aprender inglês; sua própria forma de falar, vestir-se ou portar-se é frequentemente ridicularizada, como quando uma personagem é descrita como alguém cujo “*fashion sense needs help, although you can’t help it since you were raised in the Amazon*”⁶ (FEATHERED-QUILL, 2017). A fala traz à tona a ideia de que nascer e crescer na Amazônia significa carregar uma marca de inferioridade estética e cultural. A xenofobia aqui não se limita ao preconceito com a língua, mas se estende a modos de vida inteiros.

Essa dinâmica evidencia uma subalternização interseccional, na qual gênero, cultura e geopolítica se entrelaçam. As personagens femininas amazônicas ocupam um lugar discursivo ainda mais marginal, que Spivak (2010, p. 85) descreve:

a construção ideológica de gênero mantém a dominação masculina. Se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade.

Nas *fanfictions* analisadas, a mulher amazônica não apenas tem sua língua relegada ao passado e seu corpo estetizado segundo padrões coloniais; sua própria possibilidade de fala e agência é mediada pelo olhar do Outro: seja o narrador heterodiegético, ou por outras personagens estadunidenses. Essa personagem feminina ensina inglês, é “corrigida” no vestir, precisa ser instruída — não é alguém capaz de nomear o mundo por si mesma. A colonialidade reaparece também no plano da enunciação e da transmissão: a mulher amazônica fala, mas não é ouvida como sujeito.

⁶ Em português: “Esse senso de moda precisa de ajuda. Embora não seja culpa sua, já que você foi criada na Amazônia” (FEATHERED-QUILL, 2017).

Logo, todas essas estratégias discursivas reiteram hierarquias coloniais em diferentes níveis: linguístico, cultural e narrativo. A tabela abaixo reúne exemplos de três eixos principais extraídos diretamente das fanfics:

IMPERIALISMO LINGUÍSTICO	XENOFOBIA	INVEROSSIMILHANÇA
"To bad you don't understand English. I would tell you to shut your mouth" (@Feathered-quill, 2017).	I decide to put it [a candle] in my mouth. That's weird it doesn't taste like a banana. A hand grabs it [...]. 'Don't eat that...it's dangerous" (@Feathered-quill, 2017).	"Author's note: if I have got anything in regards to the beads wrong! apologise but I don't have the time to spend hours upon hours researching every minute detail. Plus this is a fanfiction" (@Kili-Loverxx, 2022).

Figura 3 - Eixos do amazonialismo em *fanfictions*

Fonte: elaborada pela autora.

Os três excertos acima (fig. 3) evidenciam como a colonialidade é reescrita nas narrativas de fãs em contexto digital. No primeiro recorte, o imperialismo linguístico se manifesta como instrumento direto de dominação discursiva: a frase *"Too bad you don't understand English. I would tell you to shut your mouth"* (FEATHERED-QUILL, 2017), que dá o título a este artigo, transforma a língua em mecanismo de silenciamento. O gesto de controle do soldado estadunidense que rapta a protagonista ecoa o que Ngũgĩ wa Thiong'o (2010) nomeia como colonização da mente.

No segundo exemplo, a xenofobia aparece de forma extremamente caricata: a protagonista, ao colocar uma vela na boca e ser repreendida por não saber como "usá-la", é construída como ingênua, risível, infantilizada, cuja ignorância é narrada em tom cômico. A comparação da vela com uma banana integra a animalização da personagem.

Por fim, o último quadro faz menção à cena em que ocorre a cerimônia de casamento de Jasper e Aiyana envolvendo miçangas (*beads*) e ilustra a apropriação e a homogeneização de práticas culturais. A autora insere um ritual de origem provavelmente associada a povos indígenas norte-americanos — como os Cherokee, por exemplo, cuja tradição do colar (*wedding beads*) simboliza a união dos caminhos individuais — em uma narrativa que se passa na Amazônia, generalizando uma fusão imprecisa entre os costumes desses povos.

A nota de autora de *Jasper and the Amazonian Hybrid* (KILI-LOVERXX, 2022) explicita um mecanismo frequente no fandom: a justificativa da inverossimilhança cultural com base na natureza “amadora” da escrita (“*Plus this is a fanfiction*”). Ao mesmo tempo em que diminui o potencial criativo do *fandom*, ao justificar o caráter “não profissional” dessas produções, o comentário também mostra como o amazonialismo opera de modo “gasoso” (SANTOS, 2019), infiltrando-se nas escolhas narrativas e declarado como desresponsabilização (“*I don’t have the time to spend hours upon hours researching every minute detail*”⁷), o que traduz a ideia de que esses sujeitos não merecem cuidado epistemológico. A declaração escancara o descompromisso com a verossimilhança, naturalizando a intercambialidade entre povos indígenas brasileiros e norte-americanos como se constituíssem uma única categoria e modo de vida.

"Dormi pensando naquele lindo índio": apagamento e homogeneização nas imagens de fanfics

Para compreender de modo mais contundente os mecanismos de apagamento e homogeneização cultural presentes nas *fanfictions* analisadas, é pertinente observar brevemente as imagens utilizadas pelas

⁷ Tradução: “Eu não tenho tempo para passar horas e horas pesquisando cada mínimo detalhe” (KILI-LOVERXX, 2022).

próprias autoras para caracterizar personagens e ambientações. Esses elementos visuais não são apenas ilustrações complementares; as fotografias e referências estéticas revelam arquétipos que permitem constatar como a lógica colonial se manifesta também no plano iconográfico.

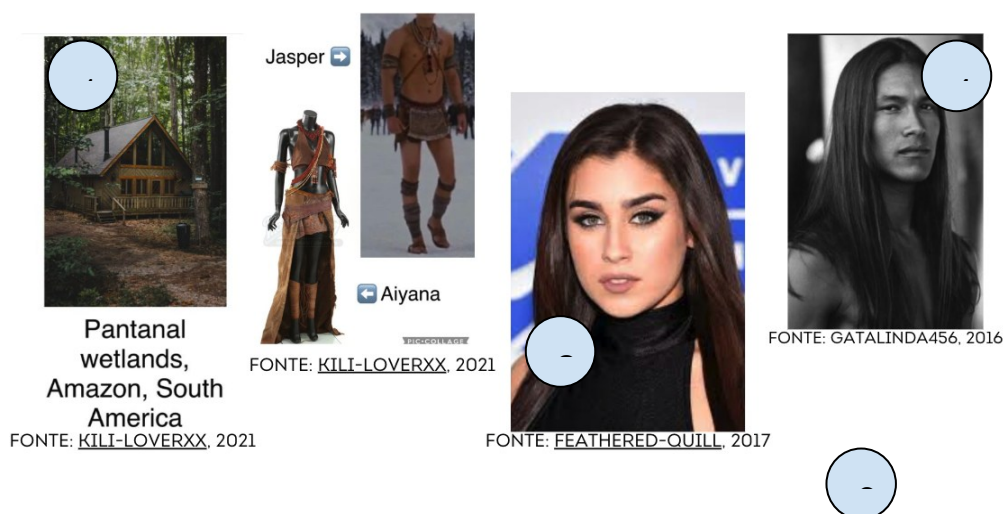


Figura 4 - Referências visuais da Amazônia em *fanfictions*

Fonte: elaborada pela autora.

A imagem acima (fig. 4) sintetiza de maneira visual o processo de apagamento e homogeneização cultural presente nas *fanfictions* analisadas. Observa-se, em primeiro lugar (1), a legenda “*Pantanal wetlands, Amazon, South America*”, com uma cabana de madeira que possui chaminé, algo que não cabe a um clima tropical. Na imagem (2) apresentam-se as roupas utilizadas pelo casal de vampiros Jasper e Aiyana, semelhantes às vestes das demais mulheres do clã das Amazonas. Na imagem (3) temos Lauren Jauregui, uma das vocalistas do grupo 5H e que seria a *Amazonian Girl* descrita na fanfic. Foi possível “visualizar o desdobramento do colonialismo não só quando as características físicas dos personagens remetem à etnia branca dominante, mas quando as [...]

fanfics se passam nos Estados Unidos da América" (BIANCHI; COSTA, 2023, p. 478).

Por fim, na última imagem (4), vemos Raone, da *fanfic* *Meu Namorado é um Índio*, par romântico de Marlon, estudante da universidade *School Future Scientists*. Como já foi reforçado, as *fanfictions* descrevem as comunidades amazônicas de maneira generalizante, homogeneizada e superficial, com base em etnias norte-americanas, como os Cherokee, por exemplo. Em *Meu Namorado é um Índio*, a história não faz referência a nenhuma franquia, mas talvez esse fenômeno possa ser compreendido na influência subjetiva da saga *Crepúsculo*. A representação de povos indígenas na saga — por meio de Jacob Black e os demais lobisomens Quileutes — consolidou um modelo imagético e simbólico que passou a operar como referência genérica. Jacob, jovem, forte e hipersexualizado, tornou-se um arquétipo que acabou funcionando como um padrão de beleza para corpos indígenas em *fanfictions*.

Essas imagens, ao circularem em plataformas de ampla difusão como o Wattpad, adquirem força, como observam Sinãni e Accorssi (2023, p. 12), na medida em que constata-se que “as práticas de colonialismo digital tendem a passar despercebidas pela população que ainda vê as tecnologias apartadas da cultura, o que acaba despolitizando o seu uso”.

"Leão na Amazônia"?: a vigilância do *fandom*

Alguns *feedbacks* em resposta às *fanfics*, ao fim de cada capítulo, revelam um aspecto relevante da circulação dessas narrativas: a presença de uma comunidade virtual de fãs que atua como instância de vigilância e correção, apontando inconsistências:

Lion in the Amazon rainforest? It is misplaced. The biggest animal there are the panthers, but they are super silent. So, if you a hearing a loud noise it probably is a Bugio (monkey).

1y ago [Reply](#)

Really? An apple tree in the Amazon jungle? Could you do some research and find a cacao tree or maybe buriti palm. Both have delicious fruits.

1y ago [Reply](#)

Me being from Brazil and seeing this 🤔❤️

2y ago [Reply](#)

Figura 5 - Captura de tela com *feedbacks* do *fandom*

Fonte: *The Amazonian Girl*.

Comentários como “*Lion in the Amazon rainforest? It is misplaced*” ou “*Really? An apple tree in the Amazon jungle? Could you do some research and find a cacao tree or maybe buriti palm*” denunciam os equívocos cometidos na representação do ecossistema — como inserir leões e macieiras em plena floresta amazônica —. Essa prática de vigilância do *fandom* evidencia que os leitores não são receptores passivos: eles tensionam, contestam e, em certa medida, negociam os limites entre fantasia e verossimilhança.

Como observa Jenkins (2015), o consumo no interior das comunidades virtuais de fãs caracteriza-se por uma dimensão ativa, na qual o público participa dos processos de interpretação, regulação e controle social dos conteúdos produzidos. Os fãs, nesse sentido, também monitoram e normatizam. Esses processos estão relacionados ao que Jamison (2017) comprova a respeito de um fluxo editorial particular dos *fandoms*, isto é, um conjunto de padrões e práticas de correção e *feedback* que orientam a produção e a circulação das histórias, marcado pela presença de leitores beta, por exemplo. Por um lado, tais intervenções demonstram a potência

crítica dos espaços digitais de leitura, nos quais erros coloniais podem ser expostos e problematizados. Por outro, a própria necessidade de correção constante também revela o grau de naturalização de imaginários exógenos sobre a Amazônia, cuja representação depende, frequentemente, de leitores atentos para ser minimamente ajustada. Trata-se, portanto, de um espaço ambíguo, em que o *fandom* funciona simultaneamente como agente de reprodução e de enfrentamento ao projeto colonial.

Considerações-sem-fim

O deslocamento para Universos Alternativos (UA) potencializa a região amazônica como um espaço de aventura e exploração para protagonistas de países do Norte global, preferencialmente estadunidenses, reforçando a noção de superioridade e domínio sobre o território e seus recursos naturais e humanos.

Embora as *fanfictions* se apresentem como práticas criativas e participativas, nem toda reescrita é necessariamente contra-hegemônica. Muitas vezes, os textos reforçam visões estereotipadas, colocando a Amazônia como palco de aventuras estrangeiras e reduzindo seus habitantes a caricaturas. Tais práticas se inscrevem no fenômeno então denominado amazonialismo (ALBUQUERQUE, 2017). As hegemonias algorítmicas — que regem a circulação e a visibilidade de narrativas digitais — contribuem para a manutenção de um imaginário colonial em ambientes que se pretendem horizontais e democráticos.

Paes Loureiro (1995, p. 95) ressoa: “a Amazônia é percebida por quem a contempla, como uma grandeza pura: é grande, é enorme, é terra-do-sem-fim”. A contemplação à distância reduz a floresta a uma imensidão silenciosa. Contra esse olhar, resta a possibilidade de reescrever a reescrita acrítica abrindo espaço para que a Amazônia não seja apenas

cenário ou plano de fundo, mas território de múltiplas vozes, cosmogonias e imaginários.

REFERÊNCIAS

dicionário analítico. Rio Branco: Nepan, 2017. Disponível em: <http://livroaberto.ufpa.br/jspui/handle/prefix/628>. Acesso em: 01 out. 2025.

BHABHA, Homi K. *O local da Cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. 2 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

BIANCHI, Pamela Cristina; COSTA, Gabriela Helena Autiero da. Relações de poder em narrativas virtuais produzidas por jovens: análise sob a perspectiva das epistemologias do sul. *Conhecimento & Diversidade*, Niterói, v. 15, n. 37 abr./jun. 2023. Disponível em: https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/conhecimento_diversidade/article/view/10937. Acesso em 09. out. 2025.

FEATHERED-QUILL. *The Amazonian Girl*. Wattpad, 16 de julho de 2017. Disponível em: <https://www.wattpad.com/story/99400923-the-amazonian-girl-5h-you>. Acesso em 02. fev. 2025.

HALL, Stuart. *Cultura e representação*. Trad. Daniel Miranda e Willian Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

HARDMAN, Francisco Foot. "A Amazônia como voragem da história: impasses de uma representação literária". *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, nº. 29. Brasília, janeiro-junho de 2007, pp. 141-152. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9123>. Acesso em 09 out. 2025.

HARDMAN, Francisco Foot. Antigos Modernistas. In: NOVAES (org.), Adauto. *Tempo e História*. São Paulo: Companhia das Letras/Secretaria Municipal de Cultura, 1992.

GATALINDA456. *Meu Namorado É Um Índio*. Wattpad, 26 de junho de 2016. Disponível em: <https://www.wattpad.com/story/76084039-meu-namorado-%C3%A9-um-%C3%ADndio-romance-gay>. Acesso em 03. fev. 2025.

GONDIM, Neide. *A Invenção da Amazônia*. São Paulo: Marco Zero, 1994.

JAMISON, Anne. *FIC: por que a fanfiction está dominando o mundo*. Trad. Marcelo Barbão. Rio de Janeiro: Anfiteatro, 2017.

JENKINS, Henry. *Invasores do Texto: fãs e cultura participativa*. Trad. Érico Asis. Nova Iguaçu, RJ: Marsupial, 2015.

KILI-LOVERXX. *Jasper and the Amazonian Hybrid*. Wattpad, 25 de setembro de 2021. Disponível em: <https://www.wattpad.com/story/284060221-jasper-and-the-amazonian-hybrid-jasper-hale>. Acesso em 02 fev. 2025.

MANOVICH, Lev. *El lenguaje de los nuevos medios de comunicación*. Barcelona: Paidós, 2005.

MELLO, Maria Elizabeth Chaves de. A Amazônia e suas representações: entre paraíso e inferno. In: FERNANDES, Maria Luiza; CARVALHO, Fábio Almeida de; PRAXEDES, Sheila (Org.). *Sobre viagens, viajantes e representações da Amazônia*. Boa Vista: Editora da UFRR, 2020.

MIGNOLO, W. *Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Tradução Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

MOURA JUNIOR, Ezir Leite de. Decolonizando o saber: contribuições críticas para a compreensão da modernidade na Amazônia. *Ciências Humanas*, v. 28, n. 132, mar. 2024. Disponível em: <https://revistaft.com.br/decolonizando-o-saber-contribuicoes-criticas-para-a-compreensao-da-modernidade-na-amazonia/>. Acesso em 01. out. 2025.

PAES LOUREIRO, João de Jesus. *Cultura amazônica: uma poética do imaginário*. Belém: CEJUP, 1995.

PENALVA, Liozina Kauana de Carvalho. Estereótipo e Representação na Amazônia Brasileira. *Anais do IX SAPPIL – Estudos de Linguagem*, UFF, no 1, 2018. Disponível em: <http://www.anaisdosappil.uff.br/index.php/IXSAPPIL-Ling/article/view/919/613>. Acesso em 09 out. 2025.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e Ciências Sociais. Perspectivas Latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 227-278.

SANTOS, B. S. Boaventura. *Fim do Império Cognitivo - A afirmação das Epistemologias do Sul*. 1. Ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2019.

SINÃNI, Marília Claudia Favreto; ACCORSSI, Aline. Colonialismo digital e processos de disputas: as mídias como 'sistemas educativos' da população. *Liinc em Revista*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, e6646, nov. 2023. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/6646/6416>. Acesso em 20 set. 2025.

SPIVAK, Chakravorty Gayatri. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

THIONG'O, Ngugi Wa. *Descolonizar la mente*. Barcelona: Editorial Debolsillo, 2010.

NOTAS DE AUTORIA

Ingrid Lara de Araújo Utzig (lara.utzig.lu@gmail.com): Doutora em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) em convênio interinstitucional com a Universidade Federal do Amapá (DINTER). Especialista em Língua Inglesa pelo Instituto de Ensino Superior do Amapá (IESAP) e Licenciada em Letras/Inglês pela UNIFAP. Professora de Língua e Literatura Inglesas na Universidade do Estado do Amapá (UEAP). Atualmente é docente permanente do Programa de Pós-graduação em Letras (PPGLET/UNIFAP), atrelada à linha Literatura, Cultura e Memória. Líder do GP Reescritas, Edição, Mídias, Intersemioses e Experimentação (REMIX-UEAP); Membro do Observatório da Literatura Digital Brasileira (UFSCar), vinculada à linha Poéticas da Literatura Digital, do LILAS (IFAP), além de pertencer aos grupos Estudos críticos da Literatura Amapaense (ECLA-UEAP), Literaturas do Caribe e das Guianas (UNIFAL), do GT Literatura Digital (ANPOLL) e da Red de Literatura Electrónica Latinoamericana - Lit(e)Lat. É escritora, autora do livro *Fanfiction e Mercado Editorial: relações entre fandom e polissistema literário* (Cultura Acadêmica, 2023) e das obras de poesia *Efêmera* (Lura, 2020) e *Disforia de Gênesis* (Pedregulho, 2022). Concentra-se nas seguintes áreas: Humanidades Digitais; Estudos de fandom; Literatura e novas mídias; Literatura Digital; Estudos de Edição e Mediação Editorial; Materialidades da Literatura; Tecnologias, Livro e Leitura; Literaturas amapaense e anglófonas; Insólito ficcional.

Como citar este artigo de acordo com as normas da revista?

UTZIG, Ingrid Lara de Araújo. “É uma pena que você não entenda inglês”: amazonialismo e colonialismo digital em narrativas de fãs. *Texto Digital*, Florianópolis, v. 21, n. 2, p. 166-188, 2025.

Contribuição de autoria

Não se aplica.

Financiamento

Não se aplica.

Consentimento de uso de imagem

Não se aplica.

Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica.

Licença de uso

Este artigo está licenciado sob a Licença Creative Commons CC-BY. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

Histórico

Recebido em: 13 out. 2025

Aprovado em: 17 out. 2025